

“tranqüilidade do passado”, e, deste modo, para o exame, para a reflexão e para o olhar retrospectivo do ego pensante em sua busca de significado. Assim, do ponto de vista do ego pensante, a velhice, nas palavras de Heidegger, é o tempo da meditação, ou, nas palavras de Sófocles, é o tempo de “paz e liberdade”⁹³ — libertação do estado de sujeição não só às paixões do corpo como também à paixão devoradora que o espírito impõe à alma, à paixão da vontade chamada “ambição”.

Em outras palavras, o passado começa com o desaparecimento do futuro; em tal tranqüilidade, o ego pensante afirma-se. Mas isso só acontece quando tudo chega ao seu final, quando o *Devir*, em cujo processo o Ser se desdobra e desenvolve, é interrompido. Pois a “inexorabilidade é a base do Ser”,⁹⁴ é o preço pago pela Vida, assim como a morte, ou melhor, a antecipação da morte é o preço pago pela tranqüilidade. E a inexorabilidade daquilo que vive não vem da contemplação do cosmos ou da história; não é o efeito de movimento externo — o movimento incessante das coisas naturais ou os altos e baixos incessantes dos destinos humanos; está localizada e é engendrada no espírito do homem. Aquilo que, em um pensamento existencial posterior, transformou-se na noção de autoprodução do espírito humano pode ser encontrado em Hegel como a “autoconstituição do Tempo”⁹⁵: o homem não é só temporal; ele é o Tempo.

Sem o homem, poderia haver movimentação e movimento, mas não haveria Tempo. Nem poderia haver se o espírito humano fosse equipado somente para pensar, para refletir sobre o que é dado, sobre aquilo que é e não poderia ser outro; se fosse assim, o homem viveria espiritualmente em um eterno presente. Seria incapaz de se dar conta de que ele mesmo um dia não foi e de que um dia não será mais, isto é, ele seria incapaz de compreender o que significa para ele existir. (É pela visão que Hegel tem do espírito humano como produtor do tempo que tem lugar a sua outra e mais óbvia identificação entre lógica e história; e esta identificação é, na verdade, como apontou há muito tempo Léon Brunschvicg, “um dos pilares essenciais de seu sistema.”)⁹⁶

Mas em Hegel, o espírito produz o tempo somente em virtude da Vontade, seu órgão para o futuro; e o futuro, “nesta perspectiva, é também a fonte do passado, já que o futuro é engendrado espiritualmente pela antecipação feita pelo espírito de um segundo futuro, em que o “eu-serei” imediato terá se transformado em “eu-terei-sido”. Nesse esquema, o passado é produzido pelo futuro e o pensamento, que contempla o passado, é o resultado da Vontade. Porque a vontade, em última instância, antecipa a frustração final dos projetos da vontade, que é a morte; tais projetos também um dia terão sido. (Pode ser interessante notar que Heidegger também diz “*Die Gewesenheit entspringt in gewisser Weise der Zukunft*” — o passado, o “ter-sido”, em um certo sentido tem sua origem no futuro.)⁹⁷

Em Hegel, o homem não se distingue das outras espécies animais por ser um *animal rationale* mas por ser a única criatura viva que sabe de sua própria morte. É nesse ponto máximo da antecipação feita pelo ego volitivo que o ego pensante

se constitui. Na antecipação da morte, os projetos da vontade tomam a aparência de um passado antecipado e, sendo assim, podem tornar-se objeto de reflexão; e é neste sentido que Hegel sustenta que somente o espírito que “não ignora a morte” capacita o homem para “dominar a morte”, “resistir a ela e preservar-se dentro dela.”⁹⁸ Para usar as palavras de Koyré: no momento em que o espírito se depara com o próprio fim, “o movimento incessante da dialética temporal é interrompido e o tempo ‘se preenche’; este tempo ‘preenchido’ cai natural e inteiramente no passado”, o que significa que o “futuro perdeu seu poder sobre ele” e ficou pronto para o presente permanente do ego pensante. Assim, ocorre que “o verdadeiro Ser [do futuro] deve ser o Agora.”⁹⁹ Mas em Hegel este *nunc stans* não é mais temporal; é um *nunc aeternitatis*, já que a eternidade, para Hegel, é também a natureza quintessencial do Tempo, a “imagem de eternidade” platônica vista como “o eterno movimento do espírito.”¹⁰⁰ O próprio tempo é eterno na “união entre Presente, Futuro e Passado.”¹⁰¹

Para simplificar ao máximo: se existe algo como a *vida* do espírito, isto deve-se ao órgão do espírito próprio para o futuro e à “inquietude” daí resultante; se existe algo como a *vida do espírito*, isto deve-se à morte (que, prevista como um fim absoluto, paralisa a vontade e transforma o futuro em um passado antecipado); os projetos da vontade em objetos de pensamento; a expectativa da alma em uma lembrança antecipada. Assim resumida e super-simplificada, a doutrina de Hegel soa bem moderna; o primado do futuro, em suas especulações sobre o tempo, parece estar tão bem sintonizado com a fé dogmática que seu século tinha no Progresso; sua mudança do pensamento para a vontade, e depois de volta para o pensamento parece uma solução tão engenhosa para o problema que os filósofos modernos tinham para entrar em acordo com a tradição de uma maneira aceitável para a Idade Moderna — que é tentador encerrar as considerações sobre o constructo hegeliano encarando-o como contribuição autêntica aos problemas do ego volitivo. Apesar disso, em suas especulações sobre o tempo, Hegel tem um predecessor estranho, para quem nada poderia ser mais alheio do que a noção de progresso; para quem nada poderia apresentar menos interesse do que descobrir uma lei que governasse os acontecimentos históricos.

Trata-se de Plotino. Também ele sustenta que o espírito humano, a alma humana (*psyche*) é que dá origem ao tempo. O tempo é gerado pela natureza “hiperativa” da alma (*polypragmon*, um termo que sugere intensa atividade corporal); ansiando por sua própria imortalidade futura, a alma “busca algo além do seu estado presente”, e, assim, move-se sempre para um ‘próximo’ e um ‘depois’, e para algo que não é o mesmo, mas é outra coisa, e depois outra, mais uma vez. Movendo-nos assim, percorremos um bom pedaço de nosso caminho [em direção à nossa eternidade futura] e construímos o tempo, a imagem da eternidade.” Assim, “o tempo é a vida da alma”; uma vez que “a propagação da vida envolve o tempo”, a alma “produz a sucessão [de tempo] juntamente com sua atividade”, na forma de um “pensamento discursivo”, cuja discursividade corresponde ao “movimento que